

A terra ensina-nos muito mais sobre nós do que todos os livros. Porque nos resiste. O homem descobre-se quando se mede com o obstáculo. No entanto, para o atingir, necessita de uma ferramenta. Precisa de uma plaina ou de uma charrua. Na sua lavra, o camponês vai, pouco a pouco, arrancando alguns segredos à natureza, extraindo uma verdade que é universal. Do mesmo modo, o avião, ferramenta das linhas aéreas, enreda o homem em todos os velhos problemas.

Tenho sempre diante dos olhos a imagem da minha primeira noite de voo na Argentina, numa noite escura em que cintilavam isoladas, como estrelas, as raras luzes dispersas na planície.

Nesse oceano de trevas, cada uma dessas luzes assinalava o milagre de uma consciência. Naquele lar, lia-se, reflectia-se, faziam-se confidências. Naquele outro, talvez se procurasse sondar o espaço, fazendo cálculos sobre a nebulosa Andrómeda. Mais além, amava-se. De longe em longe, brilhavam fogos no campo que reclamavam o seu alimento. Até os mais discretos brilhavam, os do poeta, os do professor, os do carpinteiro. Mas, no meio destas estrelas vivas, quantas janelas fechadas, quantas estrelas extintas, quantos homens adormecidos...

Temos de procurar estar unidos. Temos de tentar comunicar com alguns daqueles fogos que ardem, de longe em longe, no campo.

## I

### A LINHA

Estávamos em 1926. Eu acabava de ingressar como jovem piloto de linha na Société Lat  co  re, que assegurou, antes da A  ropostale, a actual Air France, a liga  o Toulouse-Dacar. Foi lá que aprendi o ofício. Tal como os meus companheiros, chegada a minha vez, tinha de fazer o noviciado a que os jovens se submetiam antes de terem a honra de pilotar o correio aéreo: ensaios de aviões, viagens entre Toulouse e Perpignan, enfadonhas li  o  es de meteorologia no fundo de um hangar gelado. Vivíamos no terror das montanhas de Espanha, que ainda não conhecíamos, e no respeito pelos veteranos.

Estes veteranos, que encontrávamos no restaurante, carrancudos, um pouco distantes, iam-nos concedendo l   do alto os seus conselhos. E quando algum deles, que regressava de Alicante ou de Casablanca, se nos juntava, atrasado, com o blus  o de couro a escorrer água, e um de nós, timidamente, o interrogava sobre a viagem, as suas respostas lacônicas, os dias de tempestade criavam em nós um mundo fabuloso, cheio de ciladas e de armadilhas, de penhascos que surgiam bruscamente, e de remoinhos capazes de arrancar cedros pela raiz. Drag  es negros defendiam as entradas dos vales, e feixes de relâmpagos coroavam os cumes. Aqueles veteranos alimentavam com sapiência o nosso respeito. Mas, de tempos a tempos, um deles, que seria eternamente respeitado, já não voltava.

\* \* \*

Lembro-me bem de um regresso de Bury, que se matou, mais tarde, em Corbières. Este velho piloto veio sentar-se no meio de nós, e comia sofregamente sem dizer nada, com os ombros ainda derreados pelo esforço. Era já ao anoitecer de um desses maus dias em que, de uma ponta a outra da linha, o céu parece putrefacto, e o piloto tem a impressão de que todas as montanhas andam a rebolar na imundície, como aqueles canhões que, de amarras rebentadas, devastavam a coberta dos veleiros antigos. Olhei para Bury, engoli em seco, e arrisquei-me a perguntar-lhe se afinal o voo tinha sido duro. Bury não me ouvia, de testa enrugada, inclinado sobre o prato. A bordo dos aviões descobertos, quando estava mau tempo, precisávamos de nos inclinar para fora do pára-brisas, para vermos melhor, e as rajadas de vento ficavam a silvar nos ouvidos durante muito tempo. Por fim, Bury levantou a cabeça, pareceu ouvir-me, recordar-se, e, bruscamente, soltou uma risada clara. E aquele riso maravilhou-me, aquele riso breve que lhe iluminava a fadiga, porque Bury ria pouco. Não deu qualquer outra explicação sobre a sua vitória, baixou a cabeça, e recomeçou a mastigar em silêncio. Mas, no meio daquele soturno restaurante, no meio daqueles modestos funcionários que se retemperavam das humildes fadigas do dia, este camarada de ombros largos pareceu-me revestido de uma estranha nobreza; sob a sua rude carapaça, adivinhava-se o anjo que tinha vencido o dragão.

Chegou por fim a tarde em que, por minha vez, fui chamado ao gabinete do director, que me disse apenas:

— O senhor parte amanhã.

Ali fiquei, de pé, esperando que me mandasse embora. Mas, depois de um silêncio, acrescentou:

— Está bem a par das instruções?

Naquela época os motores não ofereciam a segurança dos motores de hoje. Muitas vezes, falhavam de repente, sem qualquer aviso, com uma grande barulheira de loiça quebrada. E nós voltávamos os olhos para a crosta rochosa de Espanha que não oferecia qualquer refúgio. «Aqui, quando o motor falha», dizíamos, «infelizmente, não tarda a acontecer o mesmo ao avião.» Mas um avião

pode ser substituído. O importante era, acima de tudo, não nos aproximarmos do rochedo às cegas. Também nos era proibido, sob pena de sanções mais graves, sobrevoar camadas de nuvens por cima de zonas montanhosas. O piloto com o aparelho avariado, ao mergulhar naquele algodão branco, não via os picos em que iria esbarrar.

Por isso, naquela noite, uma voz lenta insistia uma última vez na recomendação:

— É muito bonito navegar pela bússola, em Espanha, por cima dos mares de nuvens, é muito elegante, mas...

E mais lentamente ainda:

— ... mas não se esqueça: por baixo dos mares de nuvens... está a eternidade.

Bruscamente, aquele mundo calmo, tão unido, tão simples, que descobrimos quando saímos das nuvens, tinha para mim um valor desconhecido. Aquela tranquilidade tornava-se uma armadilha. Imaginava essa imensa armadilha branca estendida ali, a meus pés. Abaixo das nuvens não reinava, como poderíamos pensar, nem a agitação dos homens, nem o tumulto, nem a viva trepidação das cidades, mas um silêncio ainda mais absoluto, uma paz mais definitiva. Aquela viscosidade branca tornava-se para mim a fronteira entre o real e o irreal, entre o conhecido e o desconhecido. E eu percebia então que um espectáculo só tem sentido através de uma cultura, de uma civilização, de um ofício. Os montanheses também conheciam os mares de nuvens. Contudo, não se apercebiam dessa cortina fabulosa.

Quando saí do gabinete, senti um orgulho pueril. Era a minha vez de ser, a partir daquela madrugada, responsável por um grupo de passageiros, responsável pelo correio de África. Mas sentia também uma grande humildade. Não me considerava bem preparado. A Espanha era pobre em refúgios; tinha receio de, perante a ameaça de uma avaria, não saber onde procurar o apoio de um campo de emergência. Curvara-me sobre a aridez dos mapas, sem descobrir neles as informações de que necessitava; com a alma cheia de um misto de timidez e de orgulho, fui fazer a vigília de

armas a casa do meu companheiro Guillaumet. Guillaumet tinha-me precedido neste serviço. Guillaumet conhecia os truques que permitiam desvendar todos os segredos de Espanha. Precisava de ser iniciado por Guillaumet.

Quando cheguei a casa dele, sorriu:

— Já sei a novidade. Estás contente?

Foi ao armário buscar o vinho do Porto e os copos. Depois encaminhou-se para mim, sempre a sorrir:

— Vamos regar isso. Hás-de ver que vai tudo correr bem.

Este camarada que, mais tarde, viria a bater o recorde das travessias postais da cordilheira dos Andes, e das do Atlântico Sul, irradiava confiança tal como uma lâmpada irradia luz. Naquela noite, alguns anos antes desse feito, em mangas de camisa, de braços cruzados sob o candeeiro, esboçando o mais reconfortante dos sorrisos, disse-me simplesmente: «As tempestades, a bruma, a neve vão importunar-te algumas vezes. Nessas alturas, pensa em todos aqueles que já passaram por isso antes de ti, e diz apenas a ti mesmo: “Se os outros conseguiram, eu também consigo.”» Contudo, desenrolei os mapas, e pedi-lhe, apesar de tudo, que revisse a viagem comigo. E, debruçado sob o candeeiro, apoiado no ombro do veterano, voltei a encontrar a paz do colégio.

Mas que estranha lição de Geografia que eu recebi! Guillaumet não me mostrava a Espanha; fazia dela uma amiga. Não me falava nem de hidrografia, nem de populações, nem de criação de gado. Não me falava de Guadix, mas de três laranjeiras que, perto de Guadix, delimitavam um campo: «Desconfia delas, assinala-as aí no teu mapa...» E as três laranjeiras ocuparam daí em diante mais espaço no mapa do que a Serra Nevada. Não me falava de Lorca, mas de uma modesta fazenda perto de Lorca. De uma fazenda com vida. E do fazendeiro. E da fazendeira. E aquele casal, perdido no espaço, a mil e quinhentos quilómetros de nós, ganhava uma importância desmesurada. Bem instalados na vertente da montanha, como guardas de um farol, sob a luz das estrelas, aquele homem e aquela mulher estavam sempre prontos a prestar socorro aos homens.